

A TERMINOLOGIA DO PARKINSON: A LINGUÍSTICA DE *CORPUS* NA CONSTRUÇÃO DE UM GLOSSÁRIO COMPARTILHADO PARA A TRADUÇÃO DE TEXTOS DE DIVULGAÇÃO

Rozane Rodrigues Rebechi¹
Laís Callegaro Fritzen²

Resumo

Diante da escassez de informações em língua portuguesa para pacientes, cuidadores e outros indivíduos envolvidos com a Doença de Parkinson, a Associação de Parkinson do RS (APARS) solicitou a tradução de conteúdos do *site* de duas fundações estrangeiras – a *Michael J. Fox Foundation* e a *Parkinson's UK* –, com o objetivo de ampliar a divulgação do tema no Brasil. Este estudo visa a explicitar a metodologia adotada para essa tarefa, realizada por quatro estagiárias do curso de Bacharelado em Letras da UFRGS. A fim de buscarmos a uniformidade da terminologia utilizada na atividade colaborativa, além da convencionalidade característica do gênero, utilizamos os pressupostos subjacentes à Linguística de *Corpus* (LC) para construir um glossário inglês-português de termos e fraseologias da área. Os textos em inglês foram analisados semiautomaticamente, com auxílio da ferramenta *SketchEngine*, resultando em entradas do glossário. Construímos, então, um pequeno *corpus* comparável em português para a identificação de equivalentes convencionais. Os enunciados terminográficos do glossário, compartilhado via *Google Sheets*, foram preenchidos conforme as estagiárias deparavam com os termos e fraseologias recorrentes da área, e passavam, então, a ser utilizados nas traduções subsequentes. A revisão dos textos traduzidos mostrou que o glossário construído de forma colaborativa não só contribuiu para garantir a consistência da terminologia utilizada, mas também a funcionalidade da tradução. Portanto, acreditamos que a metodologia aqui detalhada possa ser replicada por tradutores profissionais e aprendizes, de forma relativamente prática, para a realização de tarefas tradutórias de diferentes gêneros textuais.

Palavras-chave: Doença de Parkinson. Tradução. Terminologia. Linguística de *Corpus*. Glossário compartilhado.

Abstract

Considering the few resources in Portuguese for patients, caregivers and other people involved with Parkinson's Disease, the Parkinson's Association of Rio Grande do Sul (APARS) requested the translation of part of the site content of two foreign foundations – *Michael J. Fox* and *Parkinson's UK* – aiming to broaden the dissemination of the subject in Brazil. This paper aims to show the methodology adopted for the task performed by four interns of the Bachelor in Languages from UFRGS. In order to keep the terminology uniform and the genre conventional during

¹ Professora do Departamento de Línguas Modernas e do Programa de Pós-Graduação em Letras, Instituto de Letras, UFRGS (Brasil). rozanereb@gmail.com

² Bacharelanda em Letras Português/Inglês, Instituto de Letras, UFRGS (Brasil). lais.fritzen@gmail.com.

the collaborative activity, we relied upon Corpus Linguistics (CL) premises to build an English-Portuguese glossary of terms and phraseologies of the area. The English texts were semi-automatically analyzed through *SketchEngine*, resulting in entries of the glossary. We then built a small comparable corpus in Portuguese for the identification of conventional equivalents. The terminology statements of the glossary entries, shared via *Google Sheets*, were filled as the interns had to deal with the area's recurring terms and phraseologies, and the equivalents were then used throughout the translations. The revision of the translated texts showed that the collaboratively built glossary contributed to guarantee the consistency of the terminology used and the functionality of the translation. Therefore, we believe that the methodology described here can be reproduced by professional translators and apprentices, in a relatively practical way, to perform translation tasks of different textual genres.

Keywords: Parkinson's Disease. Translation. Terminology. Corpus Linguistics. Shared glossary.

1. Introdução

De acordo com dados da Organização Mundial de Saúde (OMS), 1% da população mundial é acometida pela Doença de Parkinson (DP), que afeta principalmente pessoas com mais de 65 anos. No Brasil, essa estimativa se confirma, e estudos apontam que aproximadamente 200 mil pessoas convivam com essa patologia degenerativa crônica do sistema nervoso central³. Com o constante aumento da expectativa de vida dos brasileiros, essa porcentagem (infelizmente) só tende a aumentar. No entanto, poucas são as fontes de informação confiáveis em português brasileiro que possam ajudar pacientes, cuidadores, familiares e outros interessados na busca por orientações sobre como lidar com essa enfermidade irreversível.

Associações nacionais e regionais, como *Brasil Parkinson*, *Parkinson Carioca*, *Parkinson Santa Catarina*, *Rede AMPARO*, entre outras, disponibilizam algumas informações sobre tratamentos, sem, contudo, fornecer, de forma acessível, detalhes sobre o impacto da doença no dia a dia do paciente e dos envolvidos. Com o intuito de ajudar a preencher essa lacuna, a *Associação de Parkinson do RS (APARS)* demonstrou interesse em divulgar em seu *site*⁴ parte dos conteúdos disponibilizados pela fundação norte-americana *Michael J. Fox*⁵ (doravante, *MJF*) e pela britânica *Parkinson's UK*⁶ (doravante, *PUK*). A fim de contribuir, voluntariamente, com a *APARS*, cumprindo também com um dos requisitos para a obtenção do título de bacharelas em Letras com habilitação em tradução português-inglês pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), quatro estagiárias⁷ assumiram a tarefa de traduzir os textos cedidos pelas fundações estrangeiras, sob supervisão da

³ Dados disponíveis em:

<<http://portalms.saude.gov.br/noticias/agencia-saude/41873-pacientes-com-parkinson-contarao-com-novos-medicamentos-no-sus>>. Acesso em: 25 out. 2018.

⁴ Disponível em: <<https://www.apars.org.br/>>. Acesso: 08 dez. 2018.

⁵ Fundada pelo ator canadense Michael J. Fox, a associação está sediada em Nova Iorque, nos Estados Unidos. Disponível em: <<https://www.michaeljfox.org/>>. Acesso: 08 dez. 2018.

⁶ Disponível em: <<https://www.parkinsons.org.uk/>>. Acesso: 08 dez. 2018.

⁷ Fernanda Cerveira, Gislaíne Alves, Kelly Carrion e Lais Callegaro Fritzen.

professora responsável⁸ por uma das turmas da disciplina Estágio de Tradução I no primeiro semestre de 2018.

Para viabilizar o trabalho que seria realizado a “várias mãos”, e garantir a uniformidade dos termos e das fraseologias utilizadas, além da convencionalidade da tarefa tradutória realizada de forma colaborativa, foi desenvolvida uma metodologia baseada nos pressupostos subjacentes à Linguística de *Corpus* (LC) (BERBER SARDINHA, 2004; MCENERY; HARDIE, 2012) para a construção de um glossário da área da Doença de Parkinson, acessível e editável via *Google Sheets*. O objetivo deste artigo é explicitar a metodologia desenvolvida, a fim de que possa ser replicada por tradutores e aprendizes de tradução, principalmente quando defrontados com a tarefa de realizar uma tradução funcional (NORD, 2006; 2012) de textos de áreas de especialidade com as quais não estejam familiarizados, sobretudo aquelas que não contam com materiais de referência bilíngues confiáveis, abrangentes e acessíveis.

Este artigo está assim organizado: na primeira seção, dedicada à fundamentação teórica, abordaremos os conceitos da Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT) (CABRÉ, 2005), segundo a qual a palavra assume a função de termo no contexto de uso especializado. Nesse sentido, a análise da linguagem autêntica, possibilitada pela LC, ajuda a evidenciar a terminologia própria de determinados gêneros textuais em diferentes línguas, garantindo, assim, a convencionalidade no texto traduzido (Cf. TAGNIN, 2013). A fim de realizar a tarefa tradutória, apoiamo-nos na teoria funcionalista (NORD, 2006; 2012), segundo a qual a produção da tradução deve levar em consideração os objetivos do público-alvo do texto de chegada, sem, contudo, desconsiderar as necessidades do contratante. Na seção seguinte, dedicada à metodologia, apresentaremos um breve panorama da LC, cujos critérios permearam a construção e a exploração do *corpus* de estudo, além de detalharmos os passos seguidos para o levantamento dos termos e fraseologias a partir dos textos em inglês, e a identificação dos respectivos equivalentes extraídos do *corpus* em português. Na penúltima seção, apresentaremos os resultados, por meio de exemplos ilustrativos das decisões tomadas, justificando nossas escolhas. Encerramos o artigo com nossas considerações finais, discutindo as vantagens e limitações da metodologia utilizada no desenvolvimento da tarefa.

2. Terminologia em contexto: aplicação na tradução funcional

Após décadas de amadurecimento dos Estudos de Tradução, não restam dúvidas de que qualquer ato tradutório vai muito além da transposição de códigos de uma língua para outra. Afinal, independentemente do gênero textual em questão, a tradução é condicionada por especificidades das culturas envolvidas, como a pessoa do tradutor, a recepção do texto traduzido, a intervenção de editores e revisores etc. Segundo Azenha Jr. (1999, p. 22), “Todas essas variáveis, e muitas outras, estão intimamente ligadas a uma realidade histórico-cultural e são condicionadas por normas sociais e de uso linguístico sujeitas a constantes alterações nas diferentes comunidades, em diferentes momentos de tempo”. Apesar de a discussão parecer ultrapassada, na prática ainda constatamos a tendência de se distinguirem as estratégias tradutórias aplicadas a textos literários e especializados, como se os últimos dependessem apenas de fontes terminográficas bi- ou multilíngues, estas que,

⁸ Profa. Dra. Rozane Rodrigues Rebechi.

muitas vezes, se resumem a listas de termos em determinada língua de partida, alinhados aos respectivos equivalentes na língua de chegada. Contudo, os textos são “*formas híbridas*” (AZENHA JR., 1999, p. 49, grifos do autor), cujas funções comunicativas podem não ser facilmente distinguíveis. Não raro deparamos com receitas culinárias inseridas em uma obra literária, ou com alusões a passagens bíblicas em uma resenha de restaurante, apenas para citar alguns exemplos de intertextualidade. Entretanto, é preciso reconhecer que os textos especializados são repositórios de terminologia e, como tais, se prestam perfeitamente para a identificação de termos e fraseologias de determinada área de especialidade.

Segundo a Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT), um termo, ou “[...] uma unidade lexical com um conteúdo específico dentro de um domínio específico” (BARROS, 2004, p. 40), pertence ao léxico geral, mas assume função de termo no texto especializado, diferenciando-se, então, de “palavra”:

A qualidade de termo é ativada em função do uso em situação e contexto adequados. Essa ativação consiste em uma seleção dos módulos de características apropriadas, incluindo as características morfossintáticas gerais da unidade e uma série de características semânticas e pragmáticas, que definem sua qualidade de termo de determinada área. (CABRÉ, 2005, p. 132, tradução nossa).⁹

Apesar de constituir a base da terminologia de determinada área de especialidade, uma vez que designa os conceitos próprios daquela disciplina (Cf. CABRÉ, 1993; KRIEGER; FINATTO, 2004), o termo não ocorre isoladamente. As unidades sintagmáticas maiores, que excedem a unidade terminológica, são recorrentes nos textos especializados.

O reconhecimento e a delimitação das fraseologias especializadas têm sido objeto de estudo de diversas pesquisas. Entre elas destacamos as de L’Homme e Bertrand (2000), Bevilacqua (2001) e Teixeira (2008), que nomearam de formas distintas os agrupamentos de palavras recorrentes e prototípicos nos textos especializados: Combinatórias Léxicas Especializadas (CLEs), Unidades Fraseológicas Especializadas (UFEs) e Unidades de Tradução Especializada (UTES), respectivamente. Mas se a tarefa de reconhecer e delimitar termos e fraseologias em determinado idioma já é bastante trabalhosa e controversa, adequar convenientemente esses elementos multipalavra característicos das linguagens especializadas à língua/cultura de chegada exige ainda mais atenção.

Com a constante troca entre culturas e línguas distintas impulsionada pela globalização, a tradução especializada é cada vez mais necessária, e a tradução de termos e fraseologias de uma língua para outra deve ser adequada, almejando-se a precisão e a consistência conceituais (KRIEGER; FINATTO, 2004, pp. 65-73), ainda que seja difícil – ou mesmo impossível – controlar a multiplicidade de “equivalentes tradutórios” que são disseminados por diferentes tradutores. Para a realização da tarefa aqui descrita, pretendemos não só garantir que termos e fraseologias em língua inglesa fossem recuperados de forma consistente em português, mas também que o

⁹ “El carácter de término se activa en función de su uso en un contexto y situación adecuados. Esta activación consiste en una selección de los módulos de rasgos apropiados, que incluyen los rasgos morfosintácticos generales de la unidad y una serie de semánticos y pragmáticos específicos que describen su carácter de término de un determinado ámbito.” (CABRÉ, 2005, p. 132).

texto de chegada soasse convencional para o leitor, da forma como, em tese, o texto de partida funcionou para o seu público.

Para Tagnin (2013, p. 19), convencional significa “aquilo que é aceito de comum acordo”, ou seja, a forma como a língua é expressa em situações reais. Tais convenções – de ordem sintática, semântica e pragmática – se cristalizam pelo uso. Portanto, analisar a linguagem autêntica é essencial para a identificação das convencionalidades nos idiomas envolvidos.

O modelo de tradução funcionalista (NORD, 2012) defende que, durante o ato tradutório, o foco principal passa da questão de equivalência para a finalidade do texto traduzido. Ou seja, a função comunicativa almejada pelo texto de chegada determina a escolha do método e das estratégias tradutórias utilizadas (NORD, 2006). Contudo, é importante enfatizar que a funcionalidade não é uma característica inerente ao texto, mas atribuída a ele pelo receptor. Assim, não se pode garantir a mesma recepção em ambientes culturais distintos.

Podemos imaginar que os textos de divulgação sobre a Doença de Parkinson publicados em língua inglesa e suas traduções para o português se assemelham no que tange ao público leitor imaginado: pacientes – ao menos aqueles em estágios iniciais da doença –, familiares, cuidadores, e outros envolvidos. Contudo, há que se considerarem outras variáveis, entre elas que o índice médio de escolaridade entre britânicos, estadunidenses e brasileiros é bastante distinto; e que o nível de complexidade de estruturas linguísticas, como, por exemplo, a voz passiva, não equivale nas duas variantes de inglês e em português brasileiro (Cf. ALUÍSIO *et al.*, 2014). A despeito da importância e complexidade dos diferentes fatores envolvidos, um aprofundamento em relação a essas e outras diferenças na recepção dos textos de partida e de chegada fugiria ao escopo deste estudo.

A fim de identificarmos equivalentes funcionais, apoiamo-nos no empirismo possibilitado pela LC, como será descrito na seção 3.2.

3. Metodologia

Quando questionados sobre a eficácia da LC para a prática tradutória, tradutores e aprendizes de tradução, expostos à metodologia durante simulados de atividades em aula ou oficina, geralmente argumentam que ela é eficaz para a identificação de equivalentes tradutórios funcionais, além de garantir a convencionalidade no texto traduzido, mas que, infelizmente, demandaria muito do já “apertado” prazo com o qual convivem. Decerto, pesquisas que dependem, por exemplo, de compilação criteriosa – muitas vezes demandando digitalização de textos impressos ou transcrição de textos falados –, limpeza, etiquetagem etc. de um grande *corpus* para análises aprofundadas podem demandar meses, ou mesmo anos, para serem concluídas. Contudo, a construção de um *corpus* especializado pequeno, descartável, que sirva para análises pontuais, pode ser realizada de forma rápida e prática, e apresentar resultados sistematizados e confiáveis (Cf. MAIA, 2002).

Com o propósito de garantir a uniformidade e a convencionalidade da terminologia na tradução de textos sobre a DP, durante tarefa realizada por diferentes estagiárias de tradução, buscamos utilizar a metodologia subjacente à LC (BERBER SARDINHA, 2004; MCENERY; HARDY, 2012) para a construção de um glossário inglês-português de termos e fraseologias da área, compartilhado on-line.

Para a LC, um *corpus* é uma coleção de textos autênticos coletados criteriosamente e armazenados em formato eletrônico, a fim de servirem para pesquisas linguísticas (BERBER SARDINHA, 2004; BOWKER; PEARSON, 2002; TAGNIN, 2013). Algumas das vantagens de adotar a LC como metodologia é que ela

[...] possibilita a pesquisa em textos autênticos da área de interesse, a análise de grandes quantidades de dados, o levantamento automático de candidatos a termos e seus colocados, assim como combinações recorrentes (*clusters*), além de facilitar a busca por equivalentes e/ou definições. (REBECHI, 2015, p. 52).

O cotejo entre textos da mesma área de especialidade, escritos em línguas diferentes, sempre fez parte da rotina do tradutor profissional. A LC contribui para a automatização dessa análise, além de revelar dados consistentes e recorrentes, em vez de levar o tradutor a adotar como equivalente tradutório uma “solução” que pode ser única, individual. Portanto, o desenvolvimento do glossário sobre a DP partiu, em um primeiro momento, da análise semiautomática, com ajuda de ferramenta computacional de análise textual.

Várias são as ferramentas disponíveis para automatizar a análise de textos. Entre elas, vale mencionar o *AntConc* (ANTHONY, 2014)¹⁰, concordanciador de livre acesso, que também disponibiliza ferramentas de levantamento de listas de palavras, palavras-chave, colocações, entre outros recursos. Contudo, nesta pesquisa optamos pelo *SketchEngine* (KILGARRIFF *et al.*, 2014)¹¹, uma vez que a ferramenta disponibiliza diversos *corpora* de referências, além de etiquetar o *corpus* de estudo, o que, como será explicitado abaixo, facilita a seleção de termos e fraseologias da área de interesse. Nesta pesquisa, utilizamos um *corpus* comparável, ou seja, textos escritos originalmente nos idiomas em análise (Cf. BOWKER; PEARSON, 2002), conforme explicitado abaixo.

3.1 *Corpus* comparável em inglês: levantamento de entradas do glossário

A tarefa designada às estagiárias consistiu na tradução para o português de parte do conteúdo dos *sites* de duas fundações estrangeiras que se dedicam ao tema da DP, que está sendo organizado pela APARS e disponibilizado no *site* da associação¹². O *corpus* em inglês, proveniente dos *sites* das associações *MJF* e *PUK*, abrange temas relacionados ao parkinsonismo, como depressão e ansiedade, e as formas de tratamento das enfermidades, e inclui textos de divulgação, relatos de pacientes e legendas de vídeos de entrevistas com profissionais. Esses textos de partida totalizam 20.165 palavras (*tokens*)¹³, assim distribuídas:

¹⁰ Disponível em: <<http://www.laurenceanthony.net/software/antconc/>>.

¹¹ A ferramenta on-line para construção e análise de *corpus* pode ser testada e adquirida pelo *site* <<https://www.sketchengine.eu/>>.

¹² O Guia para o recém-diagnosticado com a Doença de Parkinson já está disponível para consulta (<https://www.apars.org.br/tema-da-semana>) e os outros temas serão divulgados periodicamente.

¹³ Para as ferramentas de análise textual, *token* equivale a qualquer sequência de letras precedida e sucedida por espaço.

Tabela 1 – Número de palavras do *corpus* em inglês

Fundação	Textos	Nº palavras
<i>MJF</i>	6	14708
<i>PUK</i>	2	6001
Total	8	20.165

Fonte: Elaboração própria

Apesar de os textos que compõem o *corpus* em inglês pertencerem a duas variantes – britânica e estadunidense –, observamos, durante as análises, que, devido ao tamanho reduzido do *corpus* e, conseqüentemente, das listas de palavras-chave, não teríamos dificuldades para identificar e lematizar manualmente ocorrências como, por exemplo, *behaviour* e *behavior*. Porém, vale ressaltar que essa decisão foi baseada na premissa de que a tarefa deveria ser o mais prática possível. Não afirmamos, contudo, que a análise em conjunto de duas ou mais variantes linguísticas seja sempre o ideal.

A fim de visualizar as palavras-chave, as palavras que ocorrem estatisticamente com mais frequência no *corpus* de estudo do que no *corpus* de referência, utilizamos a função *keywords/terms* da ferramenta *SketchEngine*. Mas antes de darmos continuidade ao relato da metodologia adotada, vale ressaltar que a escolha do *corpus* de referência impacta diretamente os resultados do levantamento das palavras-chave. Um *corpus* de referência de outra especialidade médica, por exemplo, poderia “filtrar” ainda mais os dados, indicando termos característicos da DP quando comparada a outras doenças. Contudo, mais uma vez reforçamos que o objetivo principal do estudo realizado foi desenvolver uma metodologia prática, que possa ser replicada com certa facilidade por tradutores e aprendizes de tradução, e a construção de um *corpus* de referência demandaria mais tempo. Por isso, utilizamos um dos *corpora* disponíveis na ferramenta, o *English Web 2013* (enTenTen13), um *corpus* de 19 bilhões de palavras coletado a partir de textos da internet¹⁴.

Devido ao tamanho reduzido do *corpus* de estudo, estabelecemos que, para ser considerada chave, uma palavra ou combinação de palavras deveria ocorrer no mínimo três vezes. Vale mencionar que esse ponto de corte varia de acordo com o tamanho do *corpus*. Por exemplo, analisando um *corpus* de aproximadamente cinco milhões de palavras para a identificação de pacotes lexicais (*lexical bundles*), Biber (2009) selecionou aqueles que ocorreram mais de dez vezes a cada milhão de palavras. Em pesquisas com *corpora* pequenos, esse critério deve ser ajustado.

A Figura 1, abaixo, apresenta as primeiras palavras-chave simples (*Single-words*) e compostas (*Multi-words*) do *corpus* em inglês:

¹⁴ Para maiores detalhes sobre esse *corpus*, acessar <<https://www.sketchengine.eu/ententen-english-corpus/>>. Acesso em: 24 dez. 2018.

Figura 1 – Palavras-chave simples e compostas

SINGLE-WORDS ❶				MULTI-WORDS ❷			
Word	Focus corpus	Reference corpus		Word	Focus corpus	Reference corpus	
1 Parkinson	256	74,601	...	1 body dementia	25	2	...
2 Lewy	53	3,167	...	2 peer support service	7	0	...
3 PD	131	54,381	...	3 sleep behavior disorder	6	0	...
4 LBD	32	5,474	...	4 sleep behavior	6	3	...
5 PWP	23	1,884	...	5 behavior disorder	6	7	...
6 DLB	21	1,273	...	6 support service	7	95	...
7 dementia	66	127,759	...	7 information sheet	6	55	...
8 Dementia	16	14,504	...	8 clinical depression	7	131	...
9 helpline	17	17,076	...	9 peer support	7	144	...
10 parkinsonism	10	1,500	...	10 mental health	5	4,299	...

Fonte: *SketchEngine*

O programa apresenta as palavras-chave simples (à esquerda) e compostas (à direita) – em ordem decrescente de chavicidade (*Score*) –, o número de ocorrências no *corpus* que está sendo analisado (*F*), assim como a frequência no *corpus* de referência (*RefF*). A análise manual das listas em sua totalidade mostrou que as palavras-chave levantadas automaticamente englobam não só termos e fraseologias da área – *Parkinson, dementia, peer support service, sleep behavior disorder* etc. –, mas também nomes próprios – *Richard, Fox* – e combinações de palavras que não formam unidades completas de significado – *sleep behavior, deep brain*, e que, portanto, são consideradas irrelevantes para o nosso estudo. Portanto, o passo seguinte foi selecionar os candidatos a termos e fraseologias que serviriam como entradas do glossário que seria utilizado durante o processo tradutório de textos de divulgação sobre a DP.

A fim de facilitar a seleção manual dos termos e fraseologias apresentadas pela ferramenta, agrupamos as duas listas em uma planilha Excel, formato que possibilita a reordenação do conteúdo das colunas, de acordo com os interesses do pesquisador. Para selecionar os termos e fraseologias recorrentes nos textos para comporem as entradas do glossário compartilhado, reordenamos a lista em ordem alfabética, a partir da coluna *Single/Multi-word*. A Tabela 2, abaixo, mostra um excerto da planilha, com palavras iniciadas pela letra “s”:

Tabela 2 – Excerto da planilha: letra “s”

Severe	<u>W</u>	8.70	<u>8</u>	<u>889,032</u>
Sex	<u>W</u>	1.35	<u>3</u>	<u>2,192,885</u>
Sexual	<u>W</u>	2.14	<u>3</u>	<u>1,373,159</u>
Shake	<u>W</u>	3.00	<u>3</u>	<u>972,972</u>
Share	<u>W</u>	1.47	<u>10</u>	<u>6,713,750</u>
Sheet	<u>W</u>	7.12	<u>7</u>	<u>952,549</u>
short-term memory	<u>W</u>	92.24	<u>3</u>	<u>101</u>

Should	<u>W</u>	6.09	<u>5</u>	<u>791,936</u>
Should	<u>W</u>	1.62	<u>32</u>	<u>19,569,910</u>
Side	<u>W</u>	2.26	<u>16</u>	<u>6,981,650</u>
Significant	<u>W</u>	2.19	<u>6</u>	<u>2,698,662</u>
Similar	<u>W</u>	3.54	<u>12</u>	<u>3,330,389</u>
Simple	<u>W</u>	1.06	<u>5</u>	<u>4,663,815</u>
Situation	<u>W</u>	2.57	<u>10</u>	<u>3,832,547</u>
Sleep	<u>W</u>	10.42	<u>25</u>	<u>2,351,032</u>
sleep behavior	<u>W</u>	258.77	<u>6</u>	<u>3</u>
sleep behavior disorder	<u>W</u>	261.88	<u>6</u>	<u>0</u>
Slow	<u>W</u>	4.73	<u>9</u>	<u>1,862,235</u>
Slowly	<u>W</u>	2.58	<u>3</u>	<u>1,133,528</u>
Slowness	<u>W</u>	341.11	<u>12</u>	<u>12,104</u>

Fonte: Elaboração própria

A Tabela 2 apresenta uma amostra das palavras e combinações significativamente mais recorrentes no *corpus* de estudo do que no *corpus* de referência. Contudo, isso não quer dizer que todas essas palavras constituirão entradas do glossário sobre a DP. Observamos, por exemplo, que *should* aparece duas vezes: uma grafada com a inicial maiúscula, e outra com minúscula. Não sabemos ao certo por que a ferramenta não lematizou a palavra em sua forma canônica, com minúscula. Talvez tenha interpretado as ocorrências com maiúscula como nome próprio, mas isso não é esclarecido. Além disso, não podemos interpretar esse e outros achados da ferramenta como válidos para constituírem entradas do glossário. A hipótese que podemos levantar é que o modal *should* é característico de textos de divulgação da área médica, uma vez que esse gênero textual orienta o leitor sobre o que deve ou não fazer, e que poderia, portanto, ter sido neutralizado caso o *corpus* de referência fosse da mesma grande área – Medicina –, mas de outra especialidade.

O fato é que palavras-chave que poderiam ser identificadas como pertencentes à língua geral – *severe*, *shake*, *sleep* – também podem revelar dados interessantes sobre a doença, e, portanto, não devem ser desprezadas antes de uma análise mais aprofundada. Tomando como exemplo o candidato a termo *severe*, cujo equivalente em português pode ser o cognato “severo”, apresentamos as linhas de concordância da palavra no *corpus* (Figura 2):

Figura 2 – Linhas de concordância de *severe*

Left context	KWIC	Right context
can affect their ability to drive, for example drowsiness. The risk of	severe	drowsiness or the sudden onset of sleep due to Parkinson
ts for swallowing problems. If swallowing problems are particularly	severe	(leading to weight loss, choking or pneumonia), your the
term for a disease of memory, thinking and/or social abilities that is	severe	enough to interfere with everyday activities. LBD is also
use problems with memory, thinking and/or social abilities that are	severe	enough to interfere with everyday activities. Both of them
ems, which can range from mild – "mild cognitive impairment" – to	severe	– "dementia." However, not everyone with PD will have n
cation might be avoided, at least for a while, if hallucinations aren't	severe	and a person can be reassured regarding them. A visual
symptoms and cognitive deficits, – the presence of spontaneous or	severe	hallucinations early in the disease course, – and a tende
ing steps that seem to accelerate on their own). The knowledge of	severe	symptoms such as these can be understandably upsetting

Fonte: SketchEngine

Observando o contexto de uso da palavra, concluímos que *severe* se refere a *drowsiness, swallowing problems, dementia, hallucinations e symptoms*. Uma busca no *Corpus do Português*¹⁵, que contém mais de um bilhão de palavras, mostrou que os adjetivos comumente utilizados com essa acepção para se referir a (i) "sonolência" e "dificuldade de deglutição", (ii) "demência" e "sintoma" e (iii) "alucinação" são, respectivamente, "excessivo(a)", "grave" e "forte". Conforme adverte Firth (1957), as palavras andam juntas. Além disso, elas se "juntam" de formas diferentes em diferentes línguas, gêneros, discursos etc. Portanto, conhecer os colocados dos termos, por exemplo, é tão importante quanto encontrar o equivalente desse termo na língua para a qual se traduz. Ainda que a entrada selecionada para o nosso glossário seja *hallucination*, por exemplo, vale incluir o colocado *severe*, assim como o(s) possível(eis) equivalentes dessa colocação.

Ainda tratando da identificação de entradas, vejamos, na Figura 3, a palavra *sleep* nas combinações *sleep behavior* e *sleep behavior disorder*. *Sleep*, de forma autônoma, ocorre 25 vezes no *corpus*; já as combinações *sleep behavior* e *sleep behavior disorder*, seis vezes. Ou seja, *sleep behavior* não ocorre sem *disorder*, conforme ilustrado pela Figura 3:

Figura 3 – Linhas de concordância de *sleep behavior*

Left context	KWIC	Right context
tion, and mood, behavioral and/or personality changes. REM sleep behavior	disorder	, in which a person acts out his or her dreams, and ortho
y/thinking) problems; and sleep disturbances, including REM sleep behavior	disorder	(acting out one's dreams) or sleep apnea (breathing pau
avior or personality (including agitation or aggression). REM sleep behavior	disorder	(a condition in which people act out their dreams), faintir
es, for example) can trigger or worsen hallucinations. If REM sleep behavior	disorder	(a sleep disorder in which a person acts out their dreams
sts are rarely, if ever, used. For sleep disturbances and REM sleep behavior	disorder	(RBD), low doses of as-needed benzodiazepines could l
awake by day and calm in bed despite hallucinations or REM sleep behavior	disorder	at night is definitely easier said than done. Planned dayt

Fonte: SketchEngine

Ainda que a ferramenta não tenha identificado a combinação *REM sleep behavior disorder* como *multi-word term*, as linhas de concordância revelam que na verdade esse é o termo a ser incluído no glossário, uma vez que sempre antecede essa

¹⁵ Disponível em: <www.corpusdoportugues.org>.

combinação. Assim, devemos apresentar ao consulente o tetragrama, já que o bigrama e o trigramma não ocorrem isoladamente, diferentemente de *sleep*.

3.2 Identificação de equivalentes

Para que fosse feito o levantamento dos equivalentes dos termos e fraseologias identificados nos textos em inglês, em um segundo momento, deu-se a construção de um pequeno *corpus* comparável em português, composto de textos da área escritos originalmente nessa língua. Diferentemente de *corpora* paralelos, que indicam as escolhas tradutórias – nem sempre convencionais – do profissional responsável pela tarefa, *corpora* comparáveis revelam com clareza a terminologia e as fraseologias utilizadas naturalmente nas línguas de chegada e de partida (Cf. PHILIP, 2009). Portanto, para esta pesquisa concluímos que a identificação de equivalentes funcionais poderia ser mais adequada se fosse realizada em textos escritos originalmente em português.

Para que a construção do *corpus* comparável ocorresse também de forma compartilhada, cada estagiária ficou responsável pela seleção de textos julgados acessíveis para o público leigo. A partir da expressão de busca “doença de Parkinson”, selecionamos, então, o conteúdo de *sites* de associações brasileiras, matérias jornalísticas publicadas em jornais e revistas nacionais, artigos de divulgação de hospitais e clínicas, e até mesmo o verbete da *Wikipedia*, apresentados pela ferramenta *Google*. Vale enfatizar que materiais acadêmicos, em geral produzidos para outros especialistas, foram descartados. Conforme as estagiárias identificavam textos que cumpriam com os requisitos estipulados, copiavam o endereço do *site* em uma planilha compartilhada no *Google Sheets* para que não houvesse repetição da fonte de extração. Os textos então foram salvos em TXT, formato amplamente aceito pelas ferramentas de análise textual. Apesar de o *SketchEngine* processar textos em diversos formatos, entre eles PDF e DOC, consideramos que a análise das linhas de concordância pelas estagiárias pudesse também ser realizada em outra ferramenta, de livre acesso – como, por exemplo, o *AntConc* –, uma vez que o acesso ao *SketchEngine* depende de conexão com a internet e assinatura (paga)¹⁶. Ao fim da coleta dos textos, concluímos o *corpus* comparável em português, que totalizou 41.786 palavras (*tokens*).

Antes de passarmos a relatar a busca por equivalentes, vale fazermos algumas considerações sobre o *corpus* comparável em português. Em uma época em que *corpora* de livre acesso ultrapassam um bilhão de palavras¹⁷, nosso *corpus* comparável pode ser considerado bastante reduzido. Entretanto, tamanho nem sempre deve ser o principal critério para a compilação de um *corpus*. Para pesquisas lexicográficas, por exemplo, um *corpus* deve ser o maior possível, pois (idealmente) deveria abranger a totalidade da língua em estudo. Para pesquisas com linguagens de especialidade, contudo, outros critérios de coleta devem ser priorizados.

Ainda que não muito extensos, *corpora* especializados representativos de determinada área de interesse podem revelar resultados bastante interessantes. Entre as vantagens de *corpora* pequenos, mas representativos da área de especialidade, Koester (2010) salienta a relação mais estreita entre o *corpus* e os

¹⁶ O usuário pode realizar um cadastro e utilizar a ferramenta por 30 dias, sem custos.

¹⁷ O *Corpus do Português*, disponível em <<http://www.corpusdoportugues.org/>>, tem atualmente 1.1 bilhão de palavras.

contextos nos quais os textos foram produzidos. Além disso, como em pesquisas com *corpora* pequenos geralmente o compilador e o analista são a mesma pessoa, o grau de familiaridade com o contexto costuma ser maior, o que possibilita que os dados quantitativos revelados pelo *corpus* sejam complementados por meio de uma análise manual, qualitativa. Além disso, vale lembrar que a disponibilidade de textos de divulgação da área da DP em língua portuguesa não se dá na mesma proporção daqueles em língua inglesa. Aliás, foi justamente a carência de informações confiáveis para brasileiros envolvidos com a doença que motivou a tarefa desempenhada pelas estagiárias. Portanto, o critério da oportunidade foi levado em consideração na compilação do *corpus* comparável em português.

Em seguida, apresentamos a identificação dos equivalentes funcionais dos termos e fraseologias característicos dos textos em inglês, assim como o preenchimento do glossário compartilhado.

4. O glossário: modelo

Conforme mencionado anteriormente, a análise criteriosa das palavras-chave simples e compostas do *corpus* de estudo resultou em uma lista, em ordem alfabética, disposta em uma planilha compartilhada via *Google Sheets*: o nosso “Glossário de terminologia da Doença de Parkinson”. Além da lista de termos, no campo “entrada”, discriminamos espaços para “equivalente”, “contexto de uso” e “comentários”. Reforçamos que o glossário deveria ser o mais prático e funcional possível, por isso os campos incluídos são os mais básicos para entender o contexto de uso dos termos e de seus equivalentes, sem a necessidade de definições gramaticais ou de significado.

Para levantarmos os equivalentes das entradas do glossário, trabalhamos através da análise semiautomática do *corpus* comparável, de forma semelhante àquela aplicada ao *corpus* em inglês: a partir das listas de palavras-chave simples e compostas do *corpus* em português encontramos os candidatos a equivalentes dos termos em inglês. Entretanto, na qualidade de candidatos, os termos do *corpus* comparável somente eram validados após análise de suas linhas de concordância. Para isso, tomamos como base o argumento de Rebechi (2015), de que o pesquisador é aquele que valida os dados levantados pela ferramenta. Por isso, o desenvolvimento do campo dos “equivalentes” passou a ser feito através da análise e seleção de equivalentes conduzida pelas estagiárias a partir dos candidatos encontrados no *corpus* em português.

Como o objetivo desse método era produzir um glossário que servisse de auxílio para a tradução, a tarefa das estagiárias se concentrou em preencher os equivalentes de termos conforme estes apareciam em seus textos. Isso significa que, a partir do momento em que um novo termo precisava ser traduzido, as estagiárias recorriam à consulta ao glossário ainda em construção e podiam encontrar duas situações distintas: a entrada do termo em questão poderia ainda estar sem equivalente(s) ou outras informações, ou a entrada para o termo poderia já contar com o(s) equivalente(s) e as informações que outra colega havia preenchido.

Ao encontrar um termo ainda sem informações de equivalência, a estagiária realizava uma varredura na lista de palavras do *corpus* comparável em busca dos prováveis equivalentes e os validava através das linhas de concordância no *corpus*, preenchendo o campo do equivalente.

Um exemplo que podemos descrever diz respeito ao termo *condition*. No *corpus* em inglês o termo aparece 42 vezes, quase sempre como um sinônimo para DP, em construções como “We’ve already made enormous strides in our understanding of the **condition** and developed better treatments and therapies.” ou “I understand what it’s like to live with someone with the **condition** and how frustrating it can sometimes be.” A análise do *corpus* em português revela que a tradução *prima facie*, “condição”, em geral não é utilizada com a acepção de “doença”, como o termo em inglês, mas no sentido de estado, situação, circunstância, formando combinações tais como “condição física” e “condição do paciente”. Por outro lado, “doença” é um termo altamente frequente (646 vezes) no *corpus* comparável e, portanto passou a constar no glossário como o equivalente para *condition*.

Além disso, a análise do *corpus* em português mostrou que a literalidade também não imprimiria convencionalidade na tradução de *suffer from PD/depression*. A análise das combinações com os termos “doença de Parkinson” e “depressão” indicou maior recorrência das fraseologias “ter doença de Parkinson” e “apresentar/manifestar depressão”, respectivamente, e poucas (14 ocorrências) de “sofrer de/com DP/depressão”. Portanto, na tarefa tradutória, evitamos o verbo semanticamente negativo.

Naturalmente, várias informações e conceitos dos textos de partida necessitaram de adaptações nos textos de chegada, e, muitas vezes, esse conteúdo a ser adaptado não constava no *corpus* comparável, devido à escassez de material conforme já discutido. Como exemplo, podemos citar o tópico *Can I drive with DP?*, contido no texto *Guide for the newly diagnosed*, da MJF. Pesquisando sobre o Código de Trânsito Brasileiro, observamos que o portador de DP deve ser avaliado pela junta médica do DETRAN a fim de requisitar a permissão especial. Assim, essa informação foi incluída no texto que será disponibilizado para os brasileiros, adequando-o à realidade para a qual foi traduzido.

Ainda, quanto à organização do glossário, cabe salientar que, de acordo com a especificidade do equivalente, os campos “contexto de uso” e “comentários” serviam para fornecer informações úteis sobre o uso e características específicas do equivalente, o que ajudaria as consulentes do glossário a tomarem decisões sobre a forma de uso do equivalente em suas traduções. Podemos retomar o exemplo de *condition*, que recebeu o seguinte comentário: “A tradução de *condition* por ‘condição’, no sentido de problema de saúde, parece indicar literalidade da tradução e, portanto, deve ser evitada.”. Essa forma de comentário serviu de indicativo para que as estagiárias tivessem cuidado nas vezes em que o termo aparecia, procurando utilizar o equivalente “doença”.

A partir do momento em que a entrada passava a ser completa, contendo equivalente, contextos de uso e comentários (caso julgado necessário), o trabalho das outras tradutoras que deparassem com o mesmo termo passava a ser menor, em relação ao tempo de busca por equivalentes e consequente produção da tradução. Além disso, o uso de um mesmo equivalente em diferentes textos passava a garantir a consistência da terminologia utilizada pelas estagiárias.

Parece importante ressaltar que não nos baseamos apenas em recorrência para selecionar equivalentes adequados na tradução. Durante os encontros semanais entre as estagiárias e a professora, eram discutidas as dúvidas que surgiam durante o processo tradutório e, consequentemente, o preenchimento do glossário compartilhado. Uma dessas questões estava relacionada à decisão sobre a escolha de

um equivalente quando, por exemplo, eram identificadas duas ou mais opções, em geral envolvendo níveis de tecnicidade.

Tomemos como exemplo a combinação *swallowing problems*, recorrente nos textos em inglês. No *corpus* em português, encontramos 16 ocorrências de “dificuldade de deglutição”, combinação raramente acompanhada da definição “dificuldade para engolir”. Podemos supor que o público-alvo de textos de divulgação sobre Parkinson é composto por pacientes – especialmente em estágios iniciais da doença –, cuidadores e familiares, e não por especialistas. Portanto, a acessibilidade textual também deve ser levada em conta na escolha do equivalente tradutório (Cf. PARAGUASSU, no prelo). Nesse caso, optamos por “dificuldade para engolir”, apesar de haver menos ocorrências dessa combinação no *corpus* do que do termo especializado. Ainda com o objetivo de redigir um texto acessível em português, preterimos “bradicinesia”, apesar de ocorrer 21 vezes, e optamos por “lentidão de movimento” para recuperar *slowness (of movement)*. Salientamos que há apenas uma ocorrência do termo *bradykinesia* nos textos em inglês.

Abaixo exemplificamos a composição do glossário.

Quadro 1 – Exemplo inicial do glossário

ENTRADA	EQUIVALENTE	CONTEXTO DE USO	COMENTÁRIOS
<i>(people) affected by Parkinson's</i>	peessoas com a doença de Parkinson	Várias medidas simples podem ajudar as peessoas com a doença de Parkinson a manter a mobilidade e a independência.	Evitar a voz passiva na tradução, uma vez que é indicadora de complexidade textual.
<i>condition</i>	doença	O início da ocorrência da Doença de Parkinson é, geralmente, ao redor dos 50 ou 60 anos, podendo qualquer pessoa, independente de raça, sexo, cor, ou classe social ser portadora da doença .	A tradução de <i>condition</i> por “condição”, no sentido de problema de saúde, parece indicar literalidade da tradução e, portanto, deve ser evitada.
<i>physical/motor symptoms</i>	sintomas motores	Se você apresenta ao menos dois dos sintomas motores da Doença de Parkinson ou conhece alguém que apresente, marque uma consulta com um neurologista de confiança para verificar qual é o diagnóstico.	Não há ocorrência de “sintomas físicos” no <i>corpus</i> em português. Portanto, não utilizar a tradução literal.
<i>(stiffness and) rigidity</i>	rigidez muscular	A levodopa reduz a rigidez muscular , melhora o movimento e reduz substancialmente o tremor.	Observamos que o binômio <i>stiffness and rigidity</i> é recorrente no <i>corpus</i> em inglês, mas em português o conceito é recuperado apenas por “rigidez”, em geral acompanhado do adjetivo “muscular”.
<i>swallowing problems</i>	dificuldade para engolir	Outros sintomas podem estar associados ao início da doença: rigidez muscular; redução da quantidade de movimentos,	Apesar de haver 16 ocorrências de “deglutição” no <i>corpus</i> em português, consideramos o termo

		distúrbios da fala, dificuldade para engolir , depressão, dores, tontura e distúrbios do sono, respiratórios, urinários.	especializado demais para o público-alvo.
--	--	---	---

Fonte: Elaboração própria

O uso do glossário pelas bachareladas resultou em traduções convencionais funcionais, que podem facilitar a compreensão por parte dos leitores. A partir dos resultados obtidos, acreditamos que a metodologia aplicada pode ser replicada na tradução de textos especializados, principalmente em textos oriundos de áreas que sofrem da escassez de materiais bilíngues.

5. Considerações finais

Neste artigo tencionamos explicitar a metodologia desenvolvida para a tradução de textos de divulgação sobre a Doença de Parkinson, em parceria com a APARS, realizada por quatro estagiárias do curso de bacharelado em Letras, com habilitação em tradução português-inglês, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Com esta pesquisa, propomos uma metodologia relativamente simples de compilação e análise de *corpus* para fins tradutórios. Contudo, parece importante enfatizar que o método aqui descrito não substitui a compilação criteriosa de *corpora* utilizados em estudos aprofundados que, muitas vezes, requerem, entre outros, grandes quantidades de textos, atenção ao armazenamento e até mesmo etiquetagem (morfofossintática, semântica etc.). Além disso, as decisões tradutórias, realizadas por não especialistas da área, demandaram revisão de um profissional da área médica que pôde, por exemplo, substituir nomes de medicamentos por outros, adaptando-os à realidade brasileira.

Tendo em vista a escassez de materiais da área que servissem de apoio para a tradução, desenvolvemos um glossário compartilhado baseado nos pressupostos da LC. Nosso objetivo, ao desenvolver esse método de tradução, foi garantir a uniformidade e a convencionalidade da tradução de termos e fraseologias durante a tarefa colaborativa, além de proporcionar maior segurança nas escolhas tradutórias e maior rapidez na tradução.

Através do método descrito, proporcionamos uma forma possível de auxílio para a tradução em áreas com pouco material bilíngue disponível. Por meio da construção de um glossário compartilhado, desenvolvido em conjunto, pode-se oferecer ao tradutor uma seleção de termos confiáveis que agilizam e facilitam seu trabalho. Acima de tudo, utilizando a LC, demonstramos como o trabalho do tradutor pode ser desenvolvido por meio da construção compartilhada do conhecimento, trazendo benefícios para todos os sujeitos envolvidos.

Nosso propósito, com este artigo, foi descrever um método de tradução que pode ser reproduzido por tradutores e aprendizes de tradução, principalmente quando deparam com a tarefa de realizar uma tradução funcional de áreas de especialidade com as quais não estão familiarizados, sobretudo aquelas que não contam com materiais de referência confiáveis e abrangentes, como era o nosso caso.

Agradecimentos

Agradecemos à Profa. Dra. Maria José Bocorny Finatto por nos apresentar à APARS, selecionar os textos que seriam traduzidos, esclarecer dúvidas durante toda a tarefa tradutória e realizar a revisão textual da tradução final. Somos gratas ao Dr. Carlos Rieder, diretor científico da APARS, pela revisão científica dos textos traduzidos. Agradecemos especialmente às estagiárias Fernanda Cerveira, Gislaine Alves e Kelly Carrion pelas traduções e colaborações na construção do *corpus* e do glossário.

Referências

ALUÍSIO, S. M. *et al.* Models for scientific writing. In: SCHUSTER, E. *et al* (Org.). *Writing scientific papers in English successfully: Your Complete Roadmap*. São Carlos: Compacta, 2014. p. 31-56.

ANTHONY, L. *AntConc*. Versão 3.4.4. Tóquio: Waseda University, 2014. Disponível em: <<http://www.antlab.sci.waseda.ac.jp/>>. Acesso em: 24 dez. 2018.

AZENHA JR., J. *Tradução técnica e condicionantes culturais: primeiros passos para um estudo integrado*. São Paulo: Humanitas, 1999.

BARROS, L. A. *Curso básico de Terminologia*. São Paulo: Edusp, 2004.

BERBER SARDINHA, T. *Linguística de Corpus*. Barueri: Manole, 2004.

BEVILACQUA, C. R Unidades fraseológicas especializadas: novas perspectivas para sua identificação e tratamento. In: KRIEGER, M. da G.; MACIEL, A. M. B. (Org.). *Temas de Terminologia*. Porto Alegre: Ed. Universidade; São Paulo: Humanitas, 2001. p. 106-117.

BIBER, D. A corpus-driven approach to formulaic language in English: multi-word patterns in speech and writing. *International Journal of Corpus Linguistics*, v. 14, n. 3, p. 275-311, 2009.

BOWKER, L.; PEARSON, J. *Working with specialized language: a Practical Guide to Using Corpus*. London: Routledge, 2002.

CABRÉ, M. T. *La Terminología: representación y comunicación: elementos para una teoría de base comunicativa y otros artículos*. Barcelona: IULA, 2005.

_____. *La Terminología: teoría, metodología, aplicaciones*. Barcelona: Editorial Antártida, 1993.

FIRTH, J. R. A Synopsis of linguistic theory 1930-1955. *Studies in linguistic analysis*. Oxford: Philological Society, 1957.

KILGARRIFF, A. *et al.* The Sketch Engine: ten years on. *Lexicography*, v. 1, n. 1, p. 7-36, 2014.

KOESTER, A. Building small specialised corpora. *In: O'KEEFFE, A.; McCARTHY, M. (Org.). The Routledge handbook of Corpus Linguistics*. New York: Routledge, 2010. p. 66-79.

KRIEGER, M. da G.; FINATTO, M. J. B. *Introdução à Terminologia: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2004.

L'HOMME, M-C; BERTRAND, C. Specialized lexical combinations: should they be described as collocations or in terms of selectional restrictions? *In: EURALEX INTERNATIONAL CONGRESS, 9, 2000. Proceedings...* Stuttgart, Alemanha, 2000. p. 497-506.

MAIA, B. Do-it-yourself, Disposable, Specialized Mini Corpora – Where Next? Reflections on Teaching Translation and Terminology through Corpora. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 1, n. 9, p. 221-235, jan. 2002. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/5987>>. Acesso em: 24 dez. 2018.

MCENERY, T.; HARDIE, A. *Corpus Linguistics: Method, Theory and Practice*. Edinburgh: Cambridge University Press, 2012.

NORD, C. Functional approaches to translation. *In: CHAPPELLE, C. A. (Org.). The Encyclopedia of Applied Linguistics*. Hoboken: Blackwell Publishing, 2012. p. 2223-2228.

_____. Loyalty and fidelity in specialized translation. *Confluências*, n. 4, p. 29-42, maio 2006.

PARAGUASSU, L. B. *Tradução especializada acessível (TEA): revisão do tema e proposta de disciplina para cursos de graduação em tradução*. 2018. 269 f. Dissertação (Mestrado em Letras)–Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, (no prelo).

PHILIP, G. Arriving at Equivalence: Making a case for comparable general reference corpora in Translation Studies. *In: BEEBY, A; INÉS, P. R.; SÁNCHEZ-GIJÓN, P. (Org.). Corpus use and translating*. Amsterdam, PA: John Benjamins, 2009. p. 59-73.

REBECHI, R. R. *A tradução da culinária típica brasileira para o inglês: um estudo sob o enfoque da linguística de corpus*. 2015. 393 f. Tese (Doutorado em Letras)–Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

TAGNIN, S. E. O. *O jeito que a gente diz: combinações consagradas em inglês e português*. São Paulo: Disal, 2013.

TEIXEIRA, E. D. *A Linguística de Corpus a serviço do tradutor: proposta de um dicionário de culinária voltado para a produção textual*. 2008. 400 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês)–Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 2008.